



C A P Í T U L O 2

ANÁLISE TEMPORAL DE VIOLENCIA CONTRA A MULHER NO ESTADO DO PIAUÍ, DE 2013 A 2022

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.13411261301>

Liana Osório Fernandes

Mestre em Saúde e Comunidade-PPGSC,
Universidade Federal do Piauí Teresina-PI Brasil

Carina Nunes de Lima

Mestre em Saúde e Comunidade-PPGSC,
Universidade Federal do Piauí Teresina-PI Brasil

Manuela Fernandes da Silva Pereira Conceição

Mestre em Saúde e Comunidade-PPGSC
Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI Brasil

Manoel Borges da Silva Junior

Mestre em Saúde e Comunidade-PPGSC
Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI Brasil

Priscila Osório Fernandes

Doutoranda em Biotecnologia - RENORBIO/UFPI

RESUMO: **Objetivo:** Analisar as notificações dos casos de violência contra a mulher no estado do Piauí, no período de 2013 a 2022. **Método:** Estudo quantitativo, descritivo e de tendência temporal, realizados com mulheres de 15 anos ou mais de idade, vítimas de violência, residentes no estado do Piauí, oriundos de uma base de dados secundários, realizados entre os anos de 2013 a 2022, registrados no (SINAN). **Resultados:** A violência física (78,8%), psicológica (76,8%), sexual (52,6%) patrimonial (81,7%) e outras (72,0%) concentraram-se na faixa etária de 20-59 anos. Quando avaliado ao meio de agressão, observamos que todos os tipos citados, concentra-se entre 20-39 anos, com percentual superior de 70% em todos os casos. Em relação a análise temporal anual da variável faixa etária, revelou um aumento para adolescentes um aumento em todas as faixas etárias, quando compararmos 2013 a 2022. Em relação ao tipo de violência, na série em estudo, evidenciou um aumento,

com exceção a violência física, que passou de 2050 casos em 2013 para 1510, mas quando comparamos o ultimo biênio (2021/2022), todas as variáveis apresentaram aumento. O espaçamento foi o meio de agressão que mesmo apresentaram redução de 2013 á 2022, apresentou maior expressividade($p<0,05$). **Discussão:** Os achados desse estudo identificaram um crescente número de casos de violência contra a mulher no estado do Piauí, Brasil, nos anos de 2013 à 2022. O aumento desses valores pode também ter relação ao fato de as mulheres estarem mais encorajadas a denunciarem os seus agressores devidos esse fenômeno ter ganhando notoriedade nos últimos anos, estando cada vez mais em pauta nas mídias e discussões da humanidade, destacando assim a gravidade desse problema **Conclusão:** Este estudo apresenta a tendência crescente de casos de violência entre mulheres com faixa etária entre 20 a 59 anos, sendo a violência sexual o tipo mais predominante e crescente, utilizando a ameaça como meio de coerção. Pode-se observar a importância da continuação de estudos com essa temática principalmente por sua relevância, a violência contra a mulher é um tema que deve ser debatido, pois trata-se de um problema de saúde pública que deve ser observado e realizado estratégias que busquem diminuir a incidência dos casos.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Mulheres; Agressão; Violência contra mulher

TIME ANALYSIS OF VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE STATE OF PIAUÍ, FROM 2013 TO 2022

ABSTRACT: **Objective:** To analyze notifications of cases of violence against women in the state of Piauí from 2013 to 2022. **Method:** A quantitative, descriptive, and time-trend study conducted with women aged 15 years or older who were victims of violence and residents of the state of Piauí. Data were obtained from a secondary database covering the years 2013 to 2022, recorded in the Notifiable Diseases Information System (SINAN).

Results: Physical (78.8%), psychological (76.8%), sexual (52.6%), property-related (81.7%), and other forms of violence (72.0%) were concentrated in the 20–59-year age group. When the means of aggression were evaluated, all types were concentrated in the 20–39-year age group, with percentages exceeding 70% in all cases. Annual temporal analysis of the age-group variable revealed an increase among adolescents and across all age groups when comparing 2013 with 2022. Regarding the type of violence, the study period showed an overall increase, except for physical violence, which decreased from 2,050 cases in 2013 to 1,510 cases; however, when comparing the last biennium (2021/2022), all variables showed an increase. Threats as a means of aggression, although showing a reduction from 2013 to 2022, remained the most significant ($p < 0.05$).

Discussion: The findings of this study identified a growing number of cases of violence against women in the state of Piauí, Brazil, from 2013 to 2022. This increase

may also be related to the fact that women are more encouraged to report their aggressors, as this phenomenon has gained greater visibility in recent years and has increasingly become a topic in the media and global discussions, thus highlighting the seriousness of this problem. **Conclusion:** This study demonstrates an increasing trend in cases of violence among women aged 20 to 59 years, with sexual violence being the most prevalent and rapidly increasing type, often involving threats as a means of coercion. The importance of continuing studies on this topic is evident due to its relevance; violence against women is a public health problem that must be addressed through debate and the implementation of strategies aimed at reducing the incidence of cases.

KEYWORDS: Violence; Women; Aggression; Violence against women

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher existe desde o início da humanidade, é uma das principais formas de violação de sua dignidade e pode ser compreendida como qualquer ação ou conduta baseada no gênero que ocasione a morte ou inflja dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, nos âmbitos públicos ou privados⁴.

Trata-se de uma grande preocupação mundial, não somente pelos danos causados à saúde individual e coletiva, mas também pelo impacto na morbimortalidade em toda a sociedade exigindo, para sua prevenção e enfrentamento, políticas e ações articuladas que visem atender a mulher na sua integralidade¹¹. Segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres (2011), é um sério problema de saúde pública, sendo considerada uma das principais formas de violação dos direitos humanos, interferindo no direito à vida, à saúde e à integridade física.

Ao longo de suas vidas, as mulheres que vivenciam situações de violência conjugal, apresentam mais problemas de saúde, de diversas dimensões e complexidade, que vão desde lesões físicas, como hematomas, até aquelas relacionadas aos aspectos psicoemocionais, depressão e suicídio. As consequências da violência, sofrida pela mulher, materializam-se em agravos biológicos, psicológicos, morais e sociais, que dificultam sua experiência de viver a igualdade humana e social plenamente^{5,8}.

No Brasil, desde 2006 a Lei nº 11.340, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, inaugurou um novo olhar pelo Estado a partir da consolidação de uma Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher. Todavia, apesar do grande avanço, mais de dez anos depois da sua promulgação nota-se que a legislação parece ter sido insuficiente para estancar o crescimento dos casos, sobretudo no âmbito doméstico e familiar¹².

A violência contra mulher apresenta altos índices de notificações, geralmente, são registrados casos de agressões em mulheres de diferentes classes sociais, mas apesar desse fato, existe maior predominância nas notificações naquelas pertencentes aos grupos socioeconomicamente desfavorável, como, mulheres jovens, de cor negra, solteira ou divorciada e com baixa escolaridade¹⁷.

No mundo, estima-se que aproximadamente, cerca de 35% das mulheres já vivenciaram algum tipo de experiência relacionado a violência física e/ou sexual ao decorrer da vida, sendo essa, praticada muitas vezes pelo parceiro íntimo. O Brasil ocupa o quinto lugar no ranking em assassinatos de mulheres, com uma taxa elevada de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, destacando-se um percentual de 54,2% para mulheres negras, em comparação às mulheres brancas. O estado do Piauí ocupa o 14º lugar no Brasil com os registros de 399 assassinatos de mulheres, 36 por ano ou 0,099/dia^{9,18}.

Toda essa realidade ganhou um fator que parece ter potencializado o problema: a pandemia do novo coronavírus. A COVID-19 anunciada em 11 de março pela Organização Mundial da Saúde – OMS se mostrou como agravante da questão, especialmente após a adoção do isolamento social, tido como uma das melhores estratégias para conter o avanço da contaminação das populações¹².

A vigilância das taxas e a identificação do perfil das mulheres em situação de violência por seus parceiros, em como o reconhecimento de quem são seus principais agressores, é de suma importância, visto que esses dados podem subsidiar a elaboração e implementação de políticas públicas para o controle do agravo¹⁸.

Partindo desse contexto, surge a seguinte questão: quais os índices de violência contra a mulher no Estado do Piauí durante os anos de 2013 a 2022? Diante disso, o objetivo do presente estudo é analisar as notificações dos casos de violência contra a mulher no estado do Piauí, no período de 2013 a 2022.

METODOLOGIA

Estudo quantitativo, descritivo e de tendência temporal, realizados com mulheres de 15 anos ou mais de idade, vítimas de violência, residentes no estado do Piauí, oriundos de uma base de dados secundários, realizados entre os anos de 2013 a 2022, registrados no Sistema de Notificações de Agravos de Notificação (SINAN), disponibilizados no site do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

Foram analisadas as variáveis de perfil sociodemográfico das mulheres vítimas de violência, sendo elas, idade, sexo, nível de escolaridade e raça/cor, bem como variáveis relacionadas ao detalhamento da violência como tipos, local, ciclo de vida do autor da

agressão, uso de álcool pelo agressor, violência de repetição, encaminhamento para unidade de saúde, evolução do caso. Contando com a construção de uma tabela com valores de frequência absoluta (n) e percentual (%), através do *Microsoft Excel 2019*.

O programa SPSS foi utilizado (versão 28.0) para análise estatística. Para verificar a associação entre as características das mulheres violentadas com o tipo de violência e meio de agressão, foi utilizado o teste qui-quadrado. Para análises de tendência temporal anual das notificações foram utilizadas, as variáveis escolhidas em consenso entre os autores de acordo com a relevância na literatura (faixa etária, tipos de violência e meios de agressão), utilizando o teste de Wilcoxon, com intervalo de confiança de 95%. O nível de significância adotado para os testes será de $p < 0,05$.

O presente estudo não foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa, por tratar-se de uma análise de banco de dados secundários e de domínio público. Ademais, ressalva-se que foram respeitados todos os princípios éticos da Resolução 466/12.

RESULTADOS

De 2013 a 2022, foram registradas 1.869 notificações de violência contra o sexo feminino no estado do Piauí, com predomínio da faixa etária de 20 a 59 anos (52,6%), pardas (69,7%) e Ensino Fundamental (35,2%).

A residência foi o local de maior ocorrência desse ato (57,9%), seguido pela via pública (15,9%). As mulheres são agredidas repetidas vezes (35%), onde (74,3%) ocultaram quem cometeu a violência e o agressor estavam sob efeito do álcool, em quase 31,7% dos casos. As vítimas, em sua maioria, não compareceram a um serviço de saúde para atendimento (92,1,3%) e nem deram seguimento ao tratamento (88,7%) (Tabela 1).

Características	N (%)
Local de ocorrência	
Residência	1082 (57,9)
Habitação Coletiva	3 (0,2)
Escola	14 (0,7)
Local de prática esportiva	7 (0,4)
Bar ou similar	25 (1,3)
Via pública	298 (15,9)
Comércio/Serviços	68 (3,6)
Indústrias/Construção	4 (0,2)
Outros	238 (12,7)
Ignorado/Branco	130 (7,0)

Violência de repetição	
Sim	659 (35,3)
Não	975 (52,2)
Ignorado/Branco	235 (12,6)
Ciclo de vida do autor da agressão	
Adolescente	146 (44,4)
Adulto	237 (52,6)
Idoso	8 (3,0)
Ignorado/Branco	863 (74,3)
Autor da agressão sob efeito do álcool	
Sim	592 (31,7)
Não	757 (40,5)
Ignorado/Branco	520 (27,8)
Setor de saúde de encaminhamento	
Ambulatorial	131 (7,0)
Internação hospitalar	16 (0,9)
Ignorado/Branco	1.722 (92,1)
Evolução do Caso	
Alta	211 (11,3)
Evasão	1 (0,1)
Ignorado/Branco	1657 (88,7)

Tabela 1. Caracterização dos casos de violência contra a mulher
(n=1.869) no estado do Piauí, de 2013 a 2022.

Fonte: SINAN/DATASUS.

Em relação ao tipo de violência, todas as variáveis sociais avaliadas apresentaram associação estatística válida. A violência física (78,8%), psicológica (76,8%), sexual (52,6%) patrimonial (81,7%) e outras (72,0%) concentraram-se na faixa etária de 20-59 anos. Em relação a raça/cor, pardo apresentou comportamento semelhante ao citado anteriormente. Em avaliação a escolaridade, observou-se que quanto maior o nível, menor é a taxa de violência recebida.

Quando avaliado ao meio de agressão, observamos que todos os tipos citados, concentra-se entre 20-39 anos, com percentual superior de 70% em todos os casos, comportamento seguindo na autodeclaração pardo e escolaridade ensino fundamental e média (Tabela 2).

Tipo	Física	Psicológica	Sexual	Patrimonial	Outros	P-valor
	N(%)	N(%)	N(%)	N(%)	N(%)	
Faixa etária						0,0000*
15 – 19 anos	1794(16,9)	587(17,1)	830(44,4)	10(4,6)	1336(23,8)	
20 – 59 anos	8381(78,8)	2638(76,8)	983(52,6)	178(81,7)	3293(72,0)	
Mais de 60 anos	466(4,4)	209(6,1)	56(3,0)	30(13,8)	121(4,2)	
Raça/cor						0,0000*
Branca	1265(12,0)	325(9,6)	255(13,9)	42(19,4)	631(11,3)	
Preta	846(8,0)	386(11,4)	212(11,6)	39(18,1)	344(6,1)	
Amarela	256(2,4)	24(0,7)	12(0,7)	5(2,3)	58(1,0)	
Parda	6182(58,7)	2363(69,7)	1278(69,7)	256(50,5)	2882(51,5)	
Indígena	41(0,4)	7(0,2)	4(0,2)	53(0,3)	10(0,2)	
Ignorado	1943(18,4)	287(8,5)	72(3,9)	5(2,3)	1671(29,9)	
Escolaridade						0,0000*
Analfabeto	239(2,5)	134(4,2)	93(5,5)	13(6,3)	117(2,1)	
Fundamental	2841(29,6)	1093(34,5)	594(35,2)	63(30,6)	1051(19,2)	
Médio	2345(24,5)	838(26,5)	577(34,2)	58(28,2)	1334(24,4)	
Superior	631(6,6)	206(6,5)	152(9)	21(10,2)	462(8,4)	
Ignorado	3502(0,3)	890(28,1)	272(16,1)	51(24,8)	2505(45,7)	
Não se aplica	24(0,3)	6(0,2)	1(0,1)	0(0)	9(0,2)	
Meio	Espaçamento	Arma de fogo	Ameaça	Enforcamento	Outros	0,0000*
Faixa etária						0,0000*
15 – 19 anos	1052(15,2)	117(23,7)	400(19,0)	168(15,5)	2264(24,5)	
20 – 59 anos	5548(79,9)	356(72,1)	1585(75,4)	863(79,7)	6662(72,2)	
Mais de 60 anos	340(4,9)	21(4,3)	116(5,5)	52(4,8)	296(3,2)	
Raça/cor						0,0000*
Branca	962(14,0)	44(8,9)	211(10,2)	137(12,8)	1004(11,0)	
Preta	549(8,6)	54(11,0)	246(11,8)	111(10,4)	669(7,3)	
Amarela	219(3,2)	6(1,2)	16(0,8)	17(1,6)	83(0,9)	
Parda	3703(53,9)	319(64,8)	1470(70,8)	699(65,4)	5251(57,3)	
Indígena	28(0,4)	1(0,2)	5(0,2)	4(0,4)	18(0,2)	
Ignorado	1363(19,8)	68(13,8)	128(6,2)	100(9,4)	2132(23,3)	
Escolaridade						0,0000*
Analfabeto	204(3,2)	14(3,0)	94(4,8)	28(2,8)	144(1,7)	

Fundamental	1993(31,1)	153(32,6)	694(35,5)	313(31,8)	1906(22,2)
Médio	1632(25,6)	135(28,7)	589(30,1)	279(28,3)	2121(24,7)
Superior	474(7,4)	33(7,0)	139(7,1)	98(9,9)	625(7,3)
Ignorado	2049(32,2)	134(28,5)	439(22,4)	265(26,9)	3756(43,8)
Não se aplica	13(0,2)	1(0,2)	1(0,1)	2(0,2)	19(0,2)

*Teste qui-quardado com correção de yates, ao nível de 5%.

Tabela 2. Tipos de violência e meios de agressão contra a mulher no estado do Piauí, de 2013 a 2022.

Fonte: SINAN/DATASUS.

Em relação a análise temporal anual da variável faixa etária (Figura 1), revelou um aumento para adolescentes um aumento em todas as faixas etárias, quando comparamos 2013 a 2022. Em relação ao tipo de violência, na série em estudo, evidenciou um aumento, com exceção a violência física, que passou de 2050 casos em 2013 para 1510, mas quando comparamos o ultimo biênio (2021/2022), todas as variáveis apresentaram aumento (Figura 02). O espaçamento foi o meio de agressão que mesmo apresentaram redução de 2013 á 2022, apresentou maior expressividade($p<0,05$) (Figura 3).

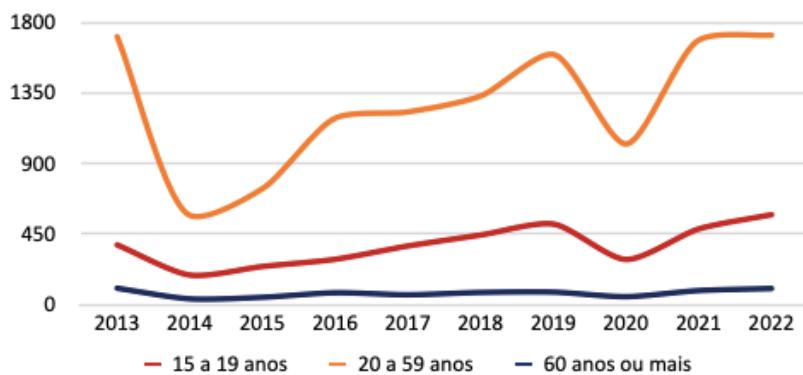


Figura 1. Análise temporal da faixa etária de mulheres, vítimas de violência, entre 2013 a 2022. Piaui.

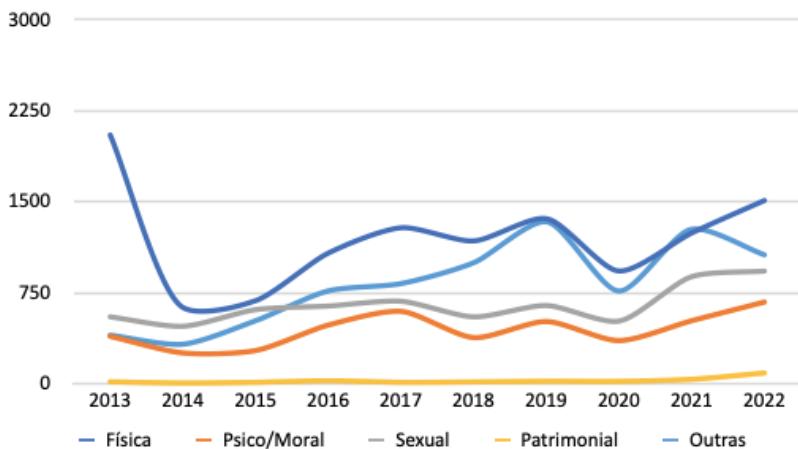


Figura 2. Análise temporal dos tipos de violências contra mulheres, entre 2013 a 2022. Piauí.

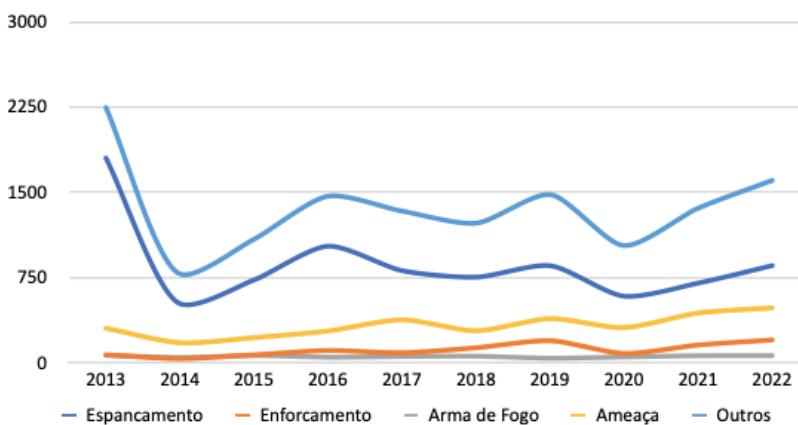


Figura 3. Análise temporal meios de agressão, entre 2013 a 2021. Piauí

DISCUSSÃO

Os achados desse estudo identificaram um crescente número de casos de violência contra a mulher no estado do Piauí, Brasil, nos anos de 2013 à 2022. O aumento desses valores pode também ter relação ao fato de as mulheres estarem mais encorajadas a denunciarem os seus agressores devido esse fenômeno ter ganhando notoriedade nos últimos anos, estando cada vez mais em pauta nas mídias e discussões da humanidade, destacando assim a gravidade desse problema¹⁶.

Com relação ao local de ocorrência, foi constatado que a residência da vítima é onde ocorrem mais da metade dos casos de agressão, fato que também pode ser evidenciado em um estudo realizado no município de São Paulo, que pesquisou a evolução da violência contra mulher entre os anos de 2008 à 2015 e evidenciou que (35,6%) dos casos aconteceram em sua residência¹⁰

Um local que era para representar segurança e aconchego acaba modificando a sua significância para as mulheres vítimas de violência doméstica para um ambiente de aflição e medo, justamente por representar o lugar aonde acontece a maioria das quantidades de agressões aos quais elas são submetidas (Leite, F.M.C, et al, 2023)¹⁵.

A maioria dos casos notificados neste estudo não eram relacionados à violência de repetição, o que também ficou evidenciado em uma pesquisa realizada no estado de Rondônia, onde foi constatado que (31,91%) das mulheres entrevistadas responderam que já tinham sofrido episódios de violência outras vezes e (36,79%) afirmaram que não¹⁴.

Quanto ao ciclo de vida do agressor, a grande maioria das notificações foi ignorado, seguido da fase adulta. Com relação a esses dados, eles podem não ser considerados fidedignos, pois a quantidade de ignorados é muito superior aos outros resultados, demonstrando que ainda é necessário conscientizar os profissionais no preenchimento adequado das fichas para análises futuras e para a criação de propostas de enfrentamento².

Apesar de uma grande porcentagem dos agressores estarem sob efeito do álcool, foi observado também que a maioria não tinha ingerido bebida alcoólica no momento da agressão. Com relação a esse dado, Bezerra e Rodrigues (2021, p.14), ressaltam que os dados que apontam a não utilização de álcool ou drogas no momento do ato violento não exclui a influência dessas substâncias quanto à situação de violência, visto que críticas ao hábito de consumo feitas pelas vítimas aos seus companheiros e familiares também são causas de discussões que podem levar a episódios de violência contra a mulher.

A maioria das vítimas de violência preferem omitir a violência e o autor de agressão, tendo em vista que não é permitida a retirada da queixa após a realização do boletim, pela Lei Maria da Penha. Com isso, acabam por não procurar atendimentos hospitalares, para haver a necessidade de maiores investigações e detalhamentos pela equipe multiprofissional. Essa omissão se justifica pelo medo e a insegurança da impunidade do agressor⁷.

Ao buscar atendimento, mulheres violentadas devem ter uma assistência continuada, de qualidade, humanizada, segura e com equidade, funcionando de forma multiprofissional e Inter setorial, mesclando o nível primário aos demais níveis de

saúde. Porém, o envolvimento dos profissionais de saúde nesses assuntos particulares e delicados são considerados um grande empecilho para a identificação dos casos, tornando necessário o desenvolvimento de capacitações para o enfrentamento dessas situações⁴.

No presente estudo, o crescente aumento de casos de violência acometidos em jovens mulheres foi de grande destaque. Dados também encontrados no estudo de Levandowski et al. (2021, p.19), que ao analisar a violência entre crianças e adolescentes do Rio Grande do Sul, entre 2015 a 2020, obteve a predominância de meninas, com idade entre 15 e 19 anos, entre as maiores vítimas de violência.

Com relação ao grau de escolaridade os dados apontaram um maior índice de violência em mulher com ensino fundamental, essa questão pode estar vinculada a dependência financeira do marido, devido ao fato da vítima não possuir uma escolaridade adequada para ter uma renda suficiente para manter-se financeiramente, e a mesma permanecer sem condições para sair do ambiente abusivo aonde sofre a agressão¹⁸.

Com este estudo pode-se evidenciar através da análise temporal dos tipos de violência contra as mulheres, que no Piauí entre os anos de 2011 a 2022 que a violência sexual é o tipo mais frequente entre os casos, e em segundo lugar a violência física. Entretanto, segundo Casini et al. (2018p. 28), relata que as estatísticas de casos confirmados ainda são abaixo do esperado, visto que muitos casos não são notificados devido ao contexto que muitas mulheres então inseridas, ou até pelo sentimento de medo de denunciar, traumas psicológicos, ameaças entre outros fatores. Conforme estudo realizado por Winzer (2016, p. 12), no ano de 2015, cerca de 40% das mulheres brasileiras alguma forma de agressão sexual.

Quanto aos meios de agressão relacionados violência contra a mulher, o espancamento, entre 2011 e 2022 tornou-se o meio mais utilizado pelos agressores. No ano de 2022, conforme observado a ameaça tornou-se o mais evidente no estado do Piauí. Um estudo publicado no ano de 2021 que analisava o perfil epidemiológico de 2014 a 2018 de violência contra a mulher no interior do Maranhão, a ameaça também foi o meio mais prevalente entre as mulheres, com 55,48% dos casos¹⁷.

CONCLUSÃO

Este estudo apresenta a tendência crescente de casos de violência entre mulheres com faixa etária entre 20 a 59 anos, sendo a violência sexual o tipo mais predominante e crescente, utilizando a ameaça como meio de coerção. Dentre as limitações do estudo, a subnotificação de denúncias relacionadas a violência contra mulher.

Porém, através do mesmo, pode-se observar a importância da continuação destes estudos, principalmente por sua relevância, a violência contra a mulher é um tema que deve ser debatido, pois trata-se de um problema de saúde pública que deve ser observado e realizado estratégias que busquem diminuir a incidência dos casos.

REFERÊNCIAS

1. Bezerra AR, Rodrigues ZM. Violência contra mulheres: o perfil da vítima e do agressor em São Luís - MA. Geogr Dep Univ Sao Paulo [Internet]. 22 jul 2021 [citado 17 jan 2024];41:e176806. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/eissn.2236-2878.rdg.2021.176806>
2. Brasileiro AE, Melo MB. Aggressores na Violência Doméstica: Um Estudo do Perfil Sóciojurídico. Rev Genero Sex Direito [Internet]. 1 dez 2016 [citado 17 jan 2024];2(2):189. Disponível em: https://doi.org/10.26668/2525-9849/index_law_journals/2016.v2i2.1373
3. Casini ID, De Andrade BD, Da Fonseca GG, Passos TS, Torres RC, Bernardo LP, Carvalho AR, Lemos WP. Violência sexual: análise epidemiológica entre os anos de 2010 a 2018 / Sexual violence: epidemiological analysis between the years 2010 to 2018. Braz J Health Rev [Internet]. 14 out 2021 [citado 17 jan 2024];4(5):22136-51. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n5-312>
4. Vasconcelos MS, Holanda VR, Albuquerque TT. Perfil do agressor e fatores associados à violência contra mulheres. Cogitare Enferm [Internet]. 31 mar 2016 [citado 17 jan 2024];21(1). Disponível em: <https://doi.org/10.5380/ce.v21i1.41960>
5. Ferreira PC, Batista VC, Pesce GB, Lino IG, Marquete VF, Marcon SS. Caracterização dos casos de violência contra mulheres. Rev Enferm UFPE Line [Internet]. 19 fev 2020 [citado 17 jan 2024];14. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243583>
6. Levandowski ML, Stahnke DN, Munhoz TN, Hohendorff JV, Salvador-Silva R. Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. Cad Saude Publica [Internet]. 2021 [citado 17 jan 2024];37(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00140020>
7. Alves de Carvalho D, Rocha de Sousa Lima N. Internação hospitalar por causas violentas em mulheres em idade fértil no estado da Bahia. Rev Bras Saude Func [Internet]. 10 dez 2021 [citado 17 jan 2024];9(3):53-65. Disponível em: <https://doi.org/10.25194/rebrasf.v9i3.1481>
8. Lucena KD, Silva AT, Moraes RM, Silva CC, Bezerra IM. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. Cad Saude Publica [Internet]. Jun 2012 [citado 17 jan 2024];28(6):1111-21. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2012000600010>

9. Madeiro A, Rufino AC, Sales ÍC, Queiroz LC. Violência física ou sexual contra a mulher no Piauí, 2009-2016. *J Health Amp Biol Sci* [Internet]. 27 jun 2019 [citado 17 jan 2024];7(3):258. Disponível em: <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i3.2417.p258-264.2019>
10. Marinho Neto KR, Girianelli VR. Evolução da notificação de violência contra mulher no município de São Paulo, 2008-2015. *Cad Saude Coletiva* [Internet]. Dez 2020 [citado 17 jan 2024];28(4):488-99. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462x202028040404>
11. Menezes PR, Lima ID, Correia CM, Souza SS, Erdmann AL, Gomes NP. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. *Saude Soc* [Internet]. Set 2014 [citado 17 jan 2024];23(3):778-86. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902014000300004>
12. De Miranda BW, Preuss LT. As silhuetas da violência contra mulher em tempos de pandemia. *Soc Em Debate* [Internet]. 15 dez 2020 [citado 17 jan 2024];26(3):74-89. Disponível em: <https://doi.org/10.47208/sd.v26i3.2751>
13. Moroskoski M, Brito FA, Queiroz RO, Higarashi IH, Oliveira RR. Aumento da violência física contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo: uma análise de tendência. *Cienc Amp Saude Coletiva* [Internet]. Out 2021 [citado 17 jan 2024];26(suppl 3):4993-5002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.02602020>
14. Alves Barbosa de Oliveira C, Noronha de Alencar L, Ribeiro Cardena R, Alves Moreira KF, Perez da Silva Pereira P, Evangelista Rodrigues Fernandes D. Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia - Brasil. *Rev Cuid* [Internet]. 20 dez 2018 [citado 17 jan 2024];10(1). Disponível em: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v10i1.573>
15. Pestana JT, Dos Santos EK, Silva AM, Da Rocha CM, Do Nascimento GA, Rodrigues IS, Da Silva MC, Monteiro TM. Epidemia invisível: perfil epidemiológico de mulheres vítimas de violência doméstica no Estado de Pernambuco entre 2015 e 2019. *Braz J Dev* [Internet]. 29 jun 2021 [citado 17 jan 2024];7(6):64290-308. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n6-691>
16. Leite FM, Garcia MT, Cavalcante GR, Venturin B, Pedroso MR, Souza EA, Tavares FL. Violência recorrente contra mulheres: análise dos casos notificados. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2023 [citado 17 jan 2024];36. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023ao009232>
17. Amaral MA, Dultra JC, Mackincs GP, Amaral V. Perfil Epidemiológico da Violência contra a Mulher em um Município da Região Sul do Brasil. *ARCH HEALTH INVESTIG* [Internet]. 5 set 2022 [citado 17 jan 2024];11(4):599-604. Disponível em: <https://doi.org/10.21270/archi.v11i4.5555>

18. Galvão I. Mapa da violência contra mulheres negras. Rev Direito [Internet]. 1 jun 2021 [citado 17 jan 2024];13(02):01-17. Disponível em: <https://doi.org/10.32361/2021130211520>

19. Stochero L, Pinto LW. Prevalência e fatores associados à violência contra as mulheres rurais: um estudo transversal, Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. Cienc Amp Saude Coletiva [Internet]. 2024 [citado 17 jan 2024];29(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024291.20452022>